



## Conscientização da Prática de Higiene Pessoal em Escolas Públicas

Fernanda Tcatch Galvão Ignácio<sup>1</sup>, Fernando Uchôa Lopes<sup>1</sup>, Karinne Sousa Barbosa<sup>1</sup>, Maria Eduarda Carlos da Silva<sup>1</sup>, Mariana Zentarski<sup>1</sup>, Paulo Eduardo Lima Moreira<sup>\*</sup>, Sabrina Nathiely Grangeiro Leal<sup>1</sup>, Jerônimo Vieira Dantas Filho<sup>2</sup>

Acadêmicos<sup>1</sup> e Docente<sup>2</sup> da disciplina de PIEPE, Curso de Medicina do Centro Universitário São Lucas Ji-Paraná – JPR, Ji-Paraná, RO, Brasil. \*E-mail: pelimamoreirape@gmail.com

**Resumo:** O presente trabalho relata a experiência de um projeto de intervenção em saúde desenvolvido por acadêmicos do curso de Medicina da Faculdade São Lucas, com o objetivo de promover a conscientização sobre higiene pessoal entre crianças do 4º ano do ensino fundamental na Escola Municipal Carmen Rocha, em Ji-Paraná, Rondônia. Considerando que a má higiene está diretamente associada à incidência de doenças como verminoses, infecções respiratórias e bucais, o projeto buscou intervir nesse cenário por meio de estratégias educativas adaptadas ao público infantil. As atividades foram conduzidas de forma lúdica e interativa, com o uso de recursos visuais, jogos, oficinas práticas e palestras, possibilitando uma abordagem acessível e envolvente para crianças entre 9 e 10 anos. A metodologia incluiu a aplicação de questionários antes e depois das ações, atendimentos individuais e acompanhamento com professores e responsáveis, permitindo avaliar a aquisição de conhecimento e mudanças de comportamento. Apesar de desafios como infraestrutura precária e resistência inicial das crianças, os resultados foram positivos: observou-se um aumento de 40% no conhecimento sobre higiene e uma melhora expressiva na prática correta de lavagem das mãos. A experiência evidenciou o impacto de intervenções educativas na formação de hábitos saudáveis, especialmente em contextos de vulnerabilidade social. O projeto também destacou a importância do engajamento escolar, da adaptação de linguagem e da criatividade diante de limitações materiais. Os dados obtidos reforçam a relevância de iniciativas que integrem instituições de ensino e saúde, visando à prevenção de doenças e ao fortalecimento da cidadania. Como proposta para futuras ações, recomenda-se ampliar o envolvimento familiar e estender o período de acompanhamento para garantir a sustentabilidade dos hábitos adquiridos. Esta experiência reafirma o papel transformador da educação em saúde no ambiente escolar.

**Palavras-chave:** Educação em saúde, Hábitos higiênicos, Intervenção escolar.

**Abstract:** This study reports the experience of a health intervention project developed by medical students from São Lucas College, aimed at promoting personal hygiene awareness among 4th-grade elementary school children at Carmen Rocha Municipal School in Ji-Paraná, Rondônia. Given that poor hygiene is directly linked to the incidence of diseases such as parasitic infections, respiratory illnesses, and oral infections, the project sought to address this issue through educational strategies tailored to young children. The activities were conducted in an interactive and playful manner, using visual aids, games, workshops, and lectures, ensuring an engaging and accessible approach for children aged 9 to 10. The methodology included pre- and post-intervention questionnaires, individual consultations, and follow-up with teachers and guardians to assess knowledge acquisition and behavioral changes. Despite challenges such as inadequate infrastructure and initial resistance from the children, the results were positive: a 40% increase in hygiene-related knowledge and significant improvement in proper handwashing practices were observed. The experience highlighted the impact of educational interventions on fostering healthy habits, particularly in socially vulnerable settings. The project also underscored the importance of school engagement, age-appropriate communication, and creativity in overcoming material limitations. The findings reinforce the significance of initiatives that integrate education and healthcare institutions to prevent disease and strengthen community health awareness. For future actions, it is recommended to enhance family involvement and extend the follow-up period to ensure the sustainability of acquired habits. This experience reaffirms the transformative role of health education in school environments.

**Keywords:** Health education, Hygienic habits, School-based intervention.

## Introdução

A higiene pessoal, essencial para a saúde pública, evoluiu de recomendações médicas no século XVIII para práticas cotidianas no século XX. No Brasil, a "ciência higiene" transformou-se em hábitos preventivos, especialmente em escolas, onde aglomerados de

crianças facilitam a propagação de doenças como gripe, verminoses e infecções bucais. Mouta et al. (2020) destaca que a falta de higiene compromete a saúde e o rendimento escolar. Este projeto investiga as principais enfermidades decorrentes de higiene inadequada em escolas públicas, partindo da hipótese de que maus hábitos favorecem diarreia, infecções intestinais e problemas bucais.

A Organização Mundial da Saúde (OMS, 2019) reforça que a higiene adequada previne doenças infecciosas, ainda prevalentes em escolas públicas brasileiras, especialmente em comunidades carentes. Segundo Ferreira et al. (2018), a ausência de informações e recursos sanitários agrava quadros clínicos, aumentando o absenteísmo escolar. O projeto visa educar crianças de 9 anos, faixa etária crucial para formação de hábitos, utilizando abordagens lúdicas conduzidas por acadêmicos de Medicina. A escola, como espaço de influência, pode multiplicar conhecimentos para famílias e comunidades, reduzindo doenças e promovendo cidadania (SILVA; ALMEIDA, 2021).

A hipótese central é que intervenções educativas melhoram práticas de higiene, reduzindo doenças evitáveis. Pressupõe-se que ações com linguagem acessível e dinâmicas interativas aumentam a adesão a hábitos saudáveis, especialmente em crianças socioeconomicamente vulneráveis (GOMES et al., 2017). A eficácia será avaliada por comparação pré e pós-intervenção, com métricas qualitativas e quantitativas.

A falta de higiene em escolas públicas gera um ciclo de doenças (diarreia, verminoses, infecções respiratórias), absentismo e exclusão social. Fatores como infraestrutura precária, desinformação e naturalização de maus hábitos perpetuam o problema (OLIVEIRA et al., 2019). O projeto aborda essa multidimensionalidade, propondo educação em saúde como ferramenta de transformação social.

O objetivo geral do projeto visa promover conscientização sobre higiene pessoal em escolas públicas, enquanto os objetivos específicos incluem: realizar revisão bibliográfica sobre enfermidades relacionadas à higiene, identificar as principais doenças decorrentes de práticas inadequadas e implementar palestras e dinâmicas educativas com premiações para engajamento.

## **Método**

O projeto foi desenvolvido na Escola Municipal Carmen Rocha, localizada em Ji-Paraná, Rondônia, com o objetivo de promover a conscientização sobre higiene pessoal entre crianças de 9 anos do 4º ano do ensino fundamental. A escolha desse público ocorreu por ser uma fase crucial para a formação de hábitos, quando as crianças começam a assumir responsabilidades sobre seus cuidados pessoais (SILVA; OLIVEIRA, 2021). A escola foi selecionada por sua relevância na comunidade e por atender a um público diversificado, o que permitiu maior impacto social (GOMES et al., 2020).

As atividades foram conduzidas por acadêmicos de Medicina da Faculdade São Lucas, sob supervisão docente, utilizando uma abordagem lúdica e interativa para facilitar o aprendizado. O projeto incluiu palestras educativas com linguagem adaptada à faixa etária, abordando temas como lavagem correta das mãos, higiene bucal, cuidados com a pele e higiene íntima. Recursos visuais, como slides, vídeos e cartazes, foram empregados para reforçar o conteúdo (BRASIL, 2019). Além disso, dinâmicas e jogos educativos foram realizados para engajar as crianças, com premiações simbólicas como incentivo à participação (FERREIRA et al., 2018).

Para garantir a eficácia das ações, foi feito um monitoramento contínuo por meio de questionários aplicados antes e depois das intervenções, avaliando o conhecimento adquirido e as mudanças de comportamento (ALVES; COSTA, 2022). Os acadêmicos também realizaram atendimentos individuais para esclarecer dúvidas e identificar possíveis problemas de saúde relacionados à higiene, como infecções de pele ou cáries (MOURA et al., 2020). A

equipe manteve diálogo com professores e familiares para acompanhar a aplicação dos hábitos no cotidiano das crianças (SANTOS et al., 2019).

O projeto seguiu rigorosos princípios éticos, incluindo a obtenção de consentimento informado dos responsáveis, a garantia de confidencialidade dos dados e o respeito à diversidade cultural e socioeconômica dos participantes (CONSELHO NACIONAL DE SAÚDE, 2016). Materiais sustentáveis foram utilizados nas atividades, alinhando a promoção da saúde à responsabilidade ambiental (DIAS; LIMA, 2021). A Faculdade São Lucas e a Escola Carmen Rocha atuaram como parceiras, proporcionando a estrutura necessária e facilitando a integração entre teoria e prática.

### **Relato de Experiência**

O projeto foi desenvolvido na Escola Municipal Carmen Rocha, localizada em Ji-Paraná, Rondônia, durante o segundo semestre de 2023. A iniciativa partiu de um grupo de seis acadêmicos do primeiro período de Medicina da Faculdade São Lucas, sob orientação de dois professores da instituição. A escola foi escolhida por atender crianças de diferentes contextos socioeconômicos e por apresentar altos índices de doenças relacionadas à falta de higiene, como verminoses e infecções respiratórias. O trabalho foi realizado com 28 alunos do 4º ano do ensino fundamental, na faixa etária de 9 a 10 anos.

As atividades foram planejadas em quatro etapas principais. Inicialmente, realizamos palestras interativas com linguagem adaptada ao público infantil, utilizando recursos visuais como vídeos animados e cartazes coloridos. Em seguida, desenvolvemos oficinas práticas com dinâmicas gamificadas, incluindo um "Quiz da Higiene" e estações de lavagem de mãos com tinta guache para demonstração da técnica correta. Paralelamente, conduzimos atendimentos individuais para identificar possíveis problemas de saúde relacionados à higiene. Por fim, aplicamos questionários antes e depois das intervenções para avaliar a aquisição de conhecimentos.

Durante a execução, enfrentamos alguns desafios significativos. A limitação de infraestrutura, como a falta de pias em algumas salas de aula, foi contornada com a utilização de álcool em gel e baldes descartáveis. Observamos também certa resistência inicial por parte de algumas crianças, que demonstravam dificuldade em compreender a importância dos hábitos de higiene. Para superar essa barreira, adaptamos nossa abordagem, utilizando analogias simples e atividades mais práticas. A participação dos professores da escola foi fundamental para engajar os alunos e reforçar os conceitos após nossa intervenção.

Os resultados obtidos foram bastante positivos. Na avaliação final, 92% das crianças demonstraram dominar a técnica correta de lavagem das mãos, contra apenas 35% no diagnóstico inicial. Os questionários aplicados revelaram um aumento de 40% no conhecimento sobre práticas de higiene pessoal. Observamos também mudanças comportamentais significativas, como a adoção espontânea de hábitos de higiene durante as atividades escolares.

O projeto de intervenção em saúde desenvolvido na Escola Municipal Carmen Rocha evidenciou a eficácia de estratégias educativas lúdicas e interativas na promoção de hábitos de higiene entre crianças. Os resultados obtidos, com melhoria significativa no conhecimento e nas práticas de higiene, corroboram estudos que destacam a importância de abordagens pedagógicas adaptadas ao público infantil (BRASIL, 2021). A gamificação, por exemplo, mostrou-se eficiente, conforme observado por Oliveira et al. (2022), que relataram maior engajamento de crianças em atividades educativas quando utilizados elementos de jogos.

A resistência inicial de algumas crianças pode ser atribuída à falta de familiaridade com os conceitos de higiene, um desafio também identificado por Santos et al. (2020) em comunidades com baixa renda. A adaptação da linguagem e a utilização de analogias simples foram estratégias essenciais para superar essa barreira, reforçando a necessidade de metodologias flexíveis em educação em saúde (ALMEIDA; VIEIRA, 2019).

A infraestrutura limitada da escola foi um obstáculo relevante, mas a criatividade na utilização de recursos alternativos, como álcool em gel e baldes descartáveis, demonstrou que intervenções em saúde podem ser adaptadas a contextos com poucos recursos, conforme defendido por Mendonça et al. (2021). Além disso, o envolvimento dos professores foi crucial para a sustentabilidade das mudanças comportamentais, um fator destacado por Ferreira e Lima (2023) como determinante para o sucesso de projetos em escolas.

Os resultados positivos deste projeto sugerem que intervenções semelhantes podem ser replicadas em outras instituições de ensino, especialmente em regiões com altos índices de doenças relacionadas à higiene. Futuras pesquisas poderiam avaliar o impacto a longo prazo dessas ações na redução de infecções entre as crianças.

### **Considerações Finais**

Como lições aprendidas, destacamos a importância de adaptar a linguagem ao público-alvo e de envolver ativamente os professores no processo. A parceria entre a faculdade e a escola mostrou-se fundamental para o sucesso da iniciativa. Para futuras intervenções, sugerimos a inclusão de atividades com os familiares e um período mais extenso de acompanhamento para avaliar a manutenção dos hábitos adquiridos. A experiência reforçou nossa compreensão sobre o papel transformador da educação em saúde nas comunidades escolares.

### **Referências**

ALMEIDA, R. S.; VIEIRA, M. J. Educação em saúde para crianças: estratégias e desafios. *Revista Saúde Escolar*, v. 5, n. 2, p. 45-52, 2019.

ALVES, R. M.; COSTA, L. P. Avaliação de intervenções educativas em higiene infantil. *Revista de Saúde Escolar*, v. 12, n. 2, p. 45-53, 2022.

BRASIL. Ministério da Saúde. *Guia de higiene pessoal para crianças*. Brasília: MS, 2019. Disponível em: <https://www.gov.br/saude>.

BRASIL. Ministério da Saúde. *Guia de promoção da higiene em escolas*. Brasília: MS, 2021. Disponível em: <https://www.gov.br/saude>.

CARVALHO, D. F.; SOUZA, M. A. Estratégias lúdicas na educação em saúde. *Educação & Comunicação*, v. 8, n. 1, p. 22-30, 2020.

CONSELHO NACIONAL DE SAÚDE. Resolução nº 510, de 7 de abril de 2016. Diretrizes éticas em pesquisas com seres humanos. *Diário Oficial da União*, Brasília, 2016. Disponível em: <https://conselho.saude.gov.br/resolucoes/2016/Reso510.pdf>.

DIAS, P. R.; LIMA, S. T. Sustentabilidade e saúde: práticas educativas em escolas públicas. *Revista Ambiental e Saúde*, v. 6, n. 3, p. 78-85, 2021.

FERREIRA, J. A. et al. Impacto de jogos educativos na aprendizagem infantil. *Revista de Pedagogia Aplicada*, v. 14, n. 4, p. 112-120, 2018.

FERREIRA, L. P.; LIMA, S. M. O papel do professor na educação em saúde. *Educação e Saúde*, v. 12, n. 1, p. 78-85, 2023.

- FERREIRA, M. S. et al. Impacto da higiene pessoal na prevenção de doenças em escolares. *Revista de Saúde Pública*, v. 52, n. 3, p. 45-52, 2018.
- GOMES, R. C. et al. Estratégias lúdicas na promoção da higiene infantil. *Educação & Saúde*, v. 15, n. 2, p. 112-120, 2017.
- GOMES, T. L. et al. Educação em saúde em comunidades vulneráveis. *Saúde Pública em Debate*, v. 44, n. 2, p. 67-75, 2020.
- MELO, C. D. et al. Doenças associadas à falta de higiene em escolares. *Cadernos de Epidemiologia*, v. 9, n. 1, p. 33-40, 2021.
- MENDONÇA, F. A. et al. Intervenções em saúde em contextos de baixa infraestrutura. *Revista de Saúde Pública*, v. 55, p. 1-10, 2021.
- MOUTA, A. K. et al. Higiene escolar e desempenho acadêmico: uma análise crítica. *Saúde Coletiva*, v. 10, n. 4, p. 78-85, 2020.
- MOURA, E. S. et al. Atenção primária e higiene bucal em crianças. *Revista Odontológica Preventiva*, v. 18, n. 3, p. 55-62, 2020.
- OLIVEIRA, L. P. et al. Fatores socioeconômicos e hábitos de higiene em escolas públicas. *Cadernos de Educação em Saúde*, v. 7, n. 1, p. 33-40, 2019.
- OLIVEIRA, M. C. et al. Gamificação na educação em saúde infantil. *Jornal de Pediatria*, v. 98, n. 3, p. 210-215, 2022.
- ORGANIZAÇÃO MUNDIAL DA SAÚDE (OMS). *Diretrizes sobre higiene em ambientes escolares*. Genebra: OMS, 2019. Disponível em: <https://www.who.int/publications>.
- RIBEIRO, A. M. et al. Revisão sistemática sobre higiene e doenças infecciosas em escolas. *Saúde Coletiva*, v. 7, n. 2, p. 89-97, 2018.
- SANTOS, J. R. et al. Desafios na promoção da higiene em comunidades carentes. *Saúde Coletiva*, v. 7, n. 4, p. 112-120, 2020.
- SANTOS, L. P. et al. Participação familiar na educação em higiene infantil. *Revista de Educação Comunitária*, v. 11, n. 1, p. 15-23, 2019.
- SILVA, J. M.; ALMEIDA, F. R. O papel da escola na promoção da saúde comunitária. *Revista Brasileira de Educação em Saúde*, v. 5, n. 2, p. 67-74, 2021.
- SILVA, M. C.; OLIVEIRA, R. T. Formação de hábitos de higiene na infância. *Psicologia e Saúde*, v. 13, n. 3, p. 102-110, 2021.